

¡A LA ORDEM! UMA VISITA À CARTAGENA DAS ÍNDIAS

¡To the Order! A visit to Cartagena de Indias

¡A la Orden! Una visita a Cartagena de Indias

Wilton Garcia

Artista visual. Doutor em Comunicação pela USP e Pós-Doutor em Multimeios pela Unicamp. Professor da Fatec Itaquaquetuba e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba - Uniso E-mail: 88wgarcia@gmail.com

Resumo

Este texto aborda uma vivência turística na cidade de Cartagena das Índias, na Colômbia. O formato de relato de experiência destaca-se estrategicamente como critério de escrita e elenca duas categorias (experiência e subjetividade), as quais enunciam os estudos contemporâneos, em especial no campo contemporâneo da comunicação e da cultura. Os resultados mostram a subalternidade das relações humanas, ao problematizar a discussão transversal acerca de consumo e desigualdade econômica e social.

Palavras-chave: Comunicação. Consumo. Contemporâneo. Turismo. Cartagena das Índias.

Abstract

This text addresses a tourist experience in the city of Cartagena de Indias, Colombia. The format of experience reporting stands out strategically as a writing criterion and elenco two categories (experience and subjectivity), which enunciate contemporary studies, especially in the contemporary field of communication and culture. The results show the subalternity of human relations, when discussing the transversal discussion about consumption and economic and social inequality.

Keywords: Communication. Consumption. Contemporary. Tourism. Cartagena das Índias.

Resumen

Este texto aborda una vivencia turística en la ciudad de Cartagena de Indias, Colombia. El formato de relato de experiencia se destaca estratégicamente como criterio de escritura y elena dos categorías (experiencia y subjetividad), las cuales enuncian los estudios contemporâneos, en especial en el campo contemporâneo de la comunicación y de la cultura. Los resultados muestran la subalternidad de las relaciones humanas, al problematizar la discusión transversal acerca de consumo y desigualdad económica y social.

Palabras clave: Comunicación. El consumo. Contemporânea. Turismo. Cartagena de Indias.

Dedicado ao povo
Afrocolombiano

Las cosas que uno olvida Suelen ser
las que valdría la pena recordar
digamos los ojos de mirar la lluvia
o la casa sin nadie al regresas de um viaje
o el poema perdido en no sé qué obras completas
o la esquina de exilio en que ella estuvo
o el abrazo amigo que ya no estará

Mario Benedetti

Introdução

Das contradições promovidas pela contemporaneidade, cada visita de turismo internacional pode trazer uma experiência singular que constata certa globalidade, mas também estratifica-se em derivações de fascínio e angústia. Nesse cenário, uma subjetividade paira sobre as novidades da América Latina. A recordação é algo que chama atenção aos olhos e ressoa aos ouvidos como testemunho de adaptabilidades do sentir. Na epígrafe deste texto, o poema hispânico elabora uma imagem metafórica tão contundente quanto a legítima herança ancestral anciã, sobretudo a linhagem dos afrodescendentes, no entorno delicado do *canto do exílio* (s/d) – da África à viagem ao grande mundo. Logo, parece ser fundamental defender o *Global South* – como África e América Latina. Advertência: hoje, seria prestar mais atenção na produção do Sul.

A passagem (re)vela vestígios de condições adaptativas, entre natureza e cultura (e vice-versa), a transformar a hibridização do sujeito e sua ambientação em contextos distintos. Entre índios, negros e europeus, (re)formulam perspectivas díspares com objetivos diferentes, sobretudo na América Latina. Coisas esquecidas somam a espaços perdidos por materiais, gestos, falas e intenções. Do que se vislumbra, sobram somente tentativas de se constituir realidade, existência e/ou verdade, ao permear a subserviência.

Não se trata de uma denúncia de desequilíbrio social, pelo contrário, trata-se de uma posição teórico-política. Mas, o título deste trabalho – *¡A la orden!* uma visita à Cartagena das Índias – propõe estudar essa expressão vocal de cordialidade subserviente, na língua hispânica, atrelada à relação de desigualdade: opressor/oprimido, absorvidor/absorvido ou observador/observado. De modo geral, a desigualdade fere a ideia de diversidade, porque evita e se opõe à equidade do sujeito e das coisas no mundo.

Torna-se pertinente confrontar a sociedade contemporânea como quem pondera as adversidades causadas pela problemática da desigualdade mediante a identidade étnico-racial (Oliveira, 2016). Portanto, vale questionar a desigualdade econômica e social do povo colombiano – de indígenas aos afrodescendentes, bem como do povo brasileiro. Tal desigualdade na América Latina e no mundo (Bauman, 2013; Vargas-Llosa, 2012; Yúdice, 2016) precisa ser vista/lida como objeto de estudo para se propor uma (re)solução mais coletiva, plural e social.

Eis, então, um questionamento como problema de pesquisa: como (re)considerar traços pós-coloniais dos afrocolombianos – e da América Latina – que despontam a subalternidade, atrelados às condições adversas do consumo contemporâneo, na emergência da diversidade?

O presente texto faz parte de uma pesquisa maior sobre a emergência da diversidade no contemporâneo na América Latina, ao relacionar aspectos econômicos, identitários, socio-culturais e/ou políticos. A investigar tal emergência como escopo, este estudo apresenta uma reflexão a respeito de determinada vivência turística (Burns, 2002), na cidade de Cartagena das Índias, na Colômbia.

Visitar esse lugar assentado por povos indígenas desde 4.000 a.C. ajuda a reconhecer sua história como região colonizada por Espanhóis a partir de 1.500. E, em 1.533, foi fundada oficialmente como departamento de Bolívar com a presença de escravos africanos. Desse caldeirão, testemunha-se uma cidade amuralhada exaurida de um fluxo paradoxal de (des)obediência.

Ao longo do trabalho, foram elencadas duas categorias (experiência e subjetividade), as quais enunciam os *estudos contemporâneos* (Bauman, 2013; Canclini, 2016; Gumbrecht, 2015) – organizados entre os *estudos culturais* (Eagleton, 2016; Hall, 2016; Moreiras, 2001) e as *tecnologias emergentes* (Yúdice, 2016), ou seja, na confluência de atualização e inovação. Em uma dinâmica

flexível e deslocável, tais estudos caracterizam-se a partir de uma (re)dimensão teórica e/ou social.

Tais estudos apoiam-se em autores brasileiros e/ou estrangeiros (Baitello Jr., 2002; Bauman, 2013; Canclini, 2016; Sodré, 2014), em especial atentos à América Latina, para consolidar uma axiologia: o valor crítico-reflexivo. Esses autores relacionam-se diante de estratégias discursivas que privilegiam ações inclusivas no campo contemporâneo da comunicação e da cultura. Nesse caso, verifica-se a diversidade como performatividade, cada vez mais, presente no mundo e, ao mesmo tempo, determinante para o processo de exclusão versus inclusão social na articulação da cultura digital – computadores, *tablets*, internet, redes sociais, telefone celular, entre outros.

Decorrentes desses estudos, experiência e subjetividade alicerçam o desenvolvimento da discussão, cujo campo contemporâneo da comunicação e da cultura trabalha a cotidianidade (de evento/acometimento) e suas nuances. No cotidiano, as coisas acontecem. Portanto, será esse o lugar específico de observação, descrição e discussão – como recorte desta investigação. Acentuam-se características do cotidiano em que é possível se evanescer, de acordo com a sensibilidade que aflora, em cada instante, no irresoluto das explicações contemporâneas.

Realizadas esses primeiros apontamentos, a escrita foi dividida em cinco partes – *O percurso metodológico; A comunicação e a cultura; A experiência viva; A subjetividade exposta; e Discussões finais*. São tópicos complementares em consonância com o debate acerca de Cartagena das Índias.

Do percurso metodológico

Para atingir os objetivos desta investigação, o percurso metodológico foi dividido em três etapas: observar, descrever e discutir; cuja abordagem qualitativa (exploratório-experimental), acerca da emergência da diversidade na comunicação e na cultura, ao utilizar a técnica de pesquisador-participante. A presença participativa do observador (Maturana, 1997) é a evidência metodológica plausível para que seu testemunho seja mais que impressões pessoais, pois são constatações registradas neste texto.

Nessa proposição metodológica, a mediação social contribui para a interação social do sujeito como condição adaptativa de pertença nuclear de uma fruição dinâmica e relacional dos/as

envolvidos/as. Disso, verifica-se a presença do sujeito praticante de processos comunicacionais, os quais somam aos contexto cultural (Eagleton, 2016; Hall, 2016; Yúdice, 2016). Tal envolvimento perfaz o cotidiano como recorrência expressiva de evento/acometimento na produção de informação.

Do ponto de vista do método, o formato relato de experiência pressupõe a observação, a descrição e a discussão de um recorte da investigação: nesta visita turística na cidade de Cartagena das Índias, na Colômbia. Na proposição de espaço-tempo, o relato tangencia instrumentos empreendedores da linguagem científica e tecnológica para assimilar características da sociedade – aqui em especial a sociedade contemporânea – em uma vivência única. Mediante apontamentos teóricos e políticos, que propiciam diferentes posicionamentos (intelectual, sociocultural etc.), o relato de experiência seleciona elementos primordiais e (re)configura idiosincrasias do ocorrido retratado.

Para Canclini (2016, p. 169), “trata-se de que os debates tornem visíveis as incertezas entre o que se diz e os plurais modos de acesso à informação. Em vez de conclusões ou referências de autoridade, trabalhar o irresoluto das explicações”. Qualquer relato de experiência perpassa um evento/acometimento recheado de informações, as quais proporcionam reflexão e escrita. Como planejamento sistemático desta leitura desenvolvida sobre Cartagena das Índias, na Colômbia, verifica-se a aproximação da experiência vivida e a subjetividade exposta no cotidiano latino-americano.

Trata-se de uma experiência especial cujas etapas contribuem para o amadurecer de ideias que possam surgir ao longo da investigação – entre observar, descrever e discutir. Vislumbra-se, entretanto, um percurso metodológico cuja finalidade é estimular o trânsito dessa temática (a emergência da diversidade), fazendo com que cada item se articule e se entrelace, de modo interdisciplinar (Bassit, 2004). E, também, (re)dimensiona os feixes de efeitos de sentidos (Gumbrecht, 2015).

A comunicação e a cultura

O campo contemporâneo da comunicação e da cultura ressalta uma atmosfera de contradições nas quais se (des)dobram propriedades da contemporaneidade. Essa última equivale a um leque interdisciplinar para assegurar recursos discursivos. Hoje, são várias as oportunidades comunicacionais

do sujeito no cotidiano, em sua sujeição (inter)subjetiva contingencial para se entrelaçar ao/a outro/a (Baitello Jr., 2002; Sodré, 2014). E, para que o sujeito se comunique, necessita o contato com o/a outro/a, uma vez que a interatividade está (de)marcada por apontamentos efervescentes (Canclini, 2016; Hall, 2016). Isso pode ser denominada por distopia de identidade que se diferencia de alteridade. Preocupados com alteridade, diferença e diversidade, urgem múltiplas vezes.

Da natureza, nascem coisas tão distintas cuja diferença urge na maturação da diversidade que inscreve a cultura, em especial a cultura contemporânea. “A cultura   algo anterior ao conhecimento, uma propensão do espírito, uma sensibilidade e um cultivo da forma, que d  sentido e orienta o aos conhecimentos” (Vargas-Llosa, 2012, p. 16). O sujeito nessa cultura trabalha com fragmentos, resíduos e/ou recursos, conforme se percebe e vivencia a experiência humana. Também, segundo Canclini (2016, p. 17):

Estamos em uma transi o incerta que torna insegura qualquer descri o da estrutura social.   posto um ponto de interroga o no senso comum sobre o que   social, não apenas das pessoas comuns como também dos cientistas. (...) Naturalmente, examinar a cada momento os pressupostos do senso comum não   tarefa exclusiva dos filósofos ou cientistas sociais.

Observar o cotidiano aqui implica considerar a produ o de informa o. A comunica o social, então, prevê mensagens mais expressivas, a (re)considerar a ideia de mercado-m dia e impactar o consumo atual. Nesse contexto, a aproxima o ambivalente – entre mercado-m dia – não consegue distanciar um do outro. Isto  , o inseparável bin mio mercado-m dia constitui uma agenda tática de enunciados heterogêneos. Como fen meno mercadológico-midiático, uma experiência turística atual, por exemplo, imbrica e confunde informa o e entretenimento de modo proposital.

Da comunica o   cultura (e vice-versa), uma informa o requer o uso de dados em um complexo processo de experiência e subjetividade, porque indica aquisi o, consolida o e/ou recupera o comunicacional. O agenciamento/negocia o de (im)possibilidades – apostadas na exaustão da diferença (Moreiras, 2001) – estabelece uma condicional: a comunica o destaca o processo de compartilhamento, a partir de referências

e vivências culturais. “Numa palavra, violência e preconceito estão na base da tolerância. A cultura, assim, e ao mesmo tempo problema e soluço” (Eagleton, 2016, p. 124).

Experiência viva

Para exemplificar esta pesquisa, foi selecionada uma experiência turística na cidade de Cartagena das  ndias, na Colômbia, no início de janeiro de 2017. Houve uma viagem de férias, na expectativa de usufruir um tempo livre, lazer e  cio (entre pausa e descanso), de forma turística, embora seja um período de curta dura o. De pronto, verificou-se, a expressão – ¡A la orden! – oferecida por trabalhadores/as (atendentes, recepcionistas, motoristas etc.), em repetidos momentos, no aeroporto, no taxi, no hotel, no restaurante, no comércio etc. Enfim, em diferentes espaços coletivos de atendimento profissional, os quais necessitam expor educa o e cordialidade no tratamento relacional para com os/as turistas-consumidores/as. Segundo Burgos (2014, p. 117)

O fen meno urbano tem a potencialidade de revelar o novo e instaurar novas experiências de sociabilidade, a democratiza o de suas potencialidades passa, necessariamente, pela garantia de acesso e usufruto dos benefícios infra-estruturais e sócio-culturais da denominada urbis inteligente por parte das diferentes classes e grupos sociais.

A intensidade da emo o de servir traduz em feedback de uma experiência anotada pela repeti o dessa expressão ¡A la orden! Um excesso, talvez, surge na disponibilidade para agradecer, veemente, o/a consumidor/a como mais valia do capital. Para haver satisfa o da clientela, eis o endeusamento. Ou, quem sabe, a diferença de classe social e econ mica (re)desenha certo tipo de serviço – idealizado pela subalternidade (Spivak, 2010) ao mercado-média do turismo internacional – cuja experiência nessa viagem surpreende.

Perante a cultura da abundância e do excesso do consumo globalizante, testemunha-se com espanto tal variável discursiva na recep o dos serviços predispostos com tamanha subalternidade (Bauman, 2013). Observa-se a abje o subalterna diante de posi es dominantes. Para Moreiras (2001, p. 378), “a subalternidade não   a princípio uma diferença dominante, mas sim um

correlato dele.” Por isso, a servidão humana não pode, nem deve, se submeter à ideia de vitimização, insegurança e/ou desconforto. Situações conflitantes equacionam a sociabilidade cruel do mundo capital e sua contundência. Cumprir serviço de estética, gastronomia, transporte, recepção, atividade física, entre outros, requer oferecer um atendimento profissional. O quadro I aponta para a dinâmica entre o sujeito e a ação PROFISSIONAL, porém não deve ultrapassar a subserviência. Entre sujeito, ação e qualificação, efetiva-se a própria palavra SERVIÇO.

Quadro I

<p>SER – SERVIR – SERVENTE SERVIÇO – SUBSERVIÊNCIA</p>
--

Fonte: do próprio Autor

Mais que isso não pode acontecer, pois o prestador de serviço não é inferior, nem menor, apenas auxilia. Para Bauman (2013, p. 191), “a subclasse não é apenas ausência de comunidade; é sua própria impossibilidade”. O acúmulo de experiência acresce de deslocamento, atenção etc. Talvez, a figura da subserviência observada nessa experiência turística possa ser maior do que o passeio, na sensibilidade de (re)considerar as artimanhas do capitalismo tão cruel na exploração do/a trabalho/a. Portanto, é uma experiência impactante e assustadora. Deixa sequelas de estranhamento, porque se testemunha, de forma constrangedora, atos de subserviência (*¡A la orden!*).

Sendo assim, a realidade deve ser enfrentada de cabeça erguida, distante de qualquer posição subalterna. A capacidade de absorver, guardar ou reaver um dado, uma informação legitimada, implica a utilização da memória, a ser ativada conforme necessidade. Para os/as turistas-consumidores/as, fica a lembrança da cena eloquente nessa expressão (*¡A la orden!*) a se solidificar como imagem-resíduo. A informação adquirida reconhece e ressalva pedaços importantes, de algum instante especial da experiência. Agra e Preciosa (2007, p. III) escrevem a respeito de viagem:

Fórmulas de deslocamento (vôos charter, ônibus especiais, guias em todo o trajeto, assistência médica) são oferecidas a esses viajantes es-

peciais, cujo último terço de vida é naturalmente dedicado à deambulação que antes lhes fora impossível realizar. Este aspecto, no entanto, não é exclusivo dos consumidores que formam o que provavelmente é o setor mais lucrativo do comércio turístico internacional.

Nesse bojo, o chileno Maturana (1997, p. 22) assegura que “experiências acontecem conosco. Nós nos encontramos na experiência que distinguimos quando a distinguimos, e fazemos de nossa experiência um problema a ser solucionado, quando pedimos explicação de nossa experiência”. Tal citação tenta distinguir as chances mais interessantes para se (re)visitar eventos/acontecimentos resgatados pela experiência de consumo que visa a ser agradável e satisfatória, quase que automaticamente. Afinal, trata-se de relações humanas e a diferença, nesse contexto, escandaliza uma subalternidade, performatizada por gestos e falas de comodidade, evitando importuna para que qualquer incômodo não gere mal-estar. Dessa espetacularidade (Vargas-Llosa, 2012), anunciada por mais valia do capital, instaura-se a lacuna de uma experiência viva entre trabalhadores/as (serventes) e consumidores/as (turistas).

Na experiência viva, cenas desaprováveis ficam impregnadas na memória, a (re)velar uma atitude (des)conhecida. Sem dúvida, esse tipo de expressão subalterna (*¡A la orden!*) detalha um tipo de indulgência na experiência que solicita urgente mudança de atitude, pois não se pode admitir tal tratativa social. São resquícios pós-coloniais ultrapassados, os quais necessitam de imediato reparo.

Subjetividade exposta

Imagens (des)dobram anotações íntimas do sentir, as quais podem, sim, escapar às condições adaptativas da experiência humana, além de fazer emergir uma (re)conexão com o que está *por vir*. Ou seja, isso tange o afeto – como informação que se desprende para afetar (tocar) o/a outro/a. Seria a intrínseca sensibilidade do sujeito, bem como a ambientação de fragmentos de subjetividade (no sentir). Esta última permite, de maneira não muito sensata, o agenciamento/negociação intrínseco dessa expressão obediente (*¡A la orden!*), seu estado sensível e o ambiente extrínseco a prolongar variáveis do viver.

Para Lazzarato (2013, p. 35):

O capitalismo é caracterizado por um duplo regime de subjetividade, a sujeição — centrada na subjetividade do sujeito individual — e a servidão — que envolve uma multiplicidade de subjetividades e proto-subjetividades humanas e não humanas. Apesar de heterogêneos, esses dois processos ou tratamentos da subjetividade são complementares, interdependentes e contribuem para o funcionamento do capitalismo.

A citação nessa trama (inter)subjetiva (de *¡A la ordem!*) entre sujeição e servidão deveria eliminar o privilégio: alguém explora e ganha, alguém perde. A subjetividade aflora a emoção diante de atos intuitivos, em que as coordenadas particulares (de uma consciência) nem sempre estão em alerta. Ao destacar vestígios cotidianos, isso equivale impressões do sujeito — em situações percepto-cognitivas (Maturana, 1997) — e edifica as diversas camadas da experiência vivida. Consequentemente, vale a atenção para com as prioridades armadas pela própria relevância pontual desse sujeito subalterno (Moreiras, 2001), que se atualiza pela emoção, na medida do possível.

Do ponto de vista humano, a fruição percepto-cognitiva de uma rede de coordenadas recursivas (Maturana, 1997) descortina o que já está dado como fator peculiar da existência humana, porém adormecido na imaginação. Tais recursos envolvem o processo da linguagem comunicacional e a (re)dimensão subjetiva do sentir.

Conhecer é avançar as potencialidades que emergem ao longo de cada processo de desenvolvimento humano. Desarte, potencializa a capacidade percepto-cognitiva — entre objetividade e subjetividade — para (inter)mediar os fatores que constituem cada informação e sua comunicabilidade. A subjetividade provoca uma abertura flexível acerca do posicionamento do sujeito na sociedade ao ponderar seleção, escolha e decisão sobre que importa para si. Sem dúvida, a subjetividade precisa ser vista/lida como uma das principais bases do conhecimento, por ativar estímulos internos e/ou externos, os quais compreendem o sujeito e suas escolhas, preferências, seleções, entre outras.

A subjetividade seria, então, uma instância (inter/intra) mediadora do sujeito com as coisas do mundo. Isso remete ao viver, porque não se apreende facilmente. Por um lado, trata-se de uma condição adaptativa para além do senso comum, cujas variações alteram-se em fluxos recorrentes. Por outro, um constructum de subjetividade perfaz a sujeição do sujeito na sua vivência. O encontro com o ambiente promove um estado

alterado, o qual se equipara à sintonia cultural. Torna-se, portanto, um legítimo e fecundo exercício de observar, descrever e discutir a sociedade contemporânea. Tal desenho da subjetividade (re)configura a lógica de deslocamentos e a(di)ciona os parâmetros da vida humana, quando indaga a respeito de suas próprias diretrizes.

No livro *Aveso do niilismo: cartografias do esgotamento*, Pelbart (2013) descreve uma viagem que fez, em um cruzeiro marítimo, como uma espécie de entretenimento turístico. Da alucinante overdose de estímulos ao empanturramento gastronômico como imperativo do prazer, destaca a saturação absoluta do espaço físico, mental e psíquico de turistas-consumidores/as, como passageiros/as dessa nave em alto-mar. Em um enorme bombardeamento de informações, com diferentes opções sofisticadas, ninguém escapava, nem na própria cabine, cujo alto falante ou a televisão interna anunciavam o próximo evento do próprio navio. Com infraestrutura gigantesca, essa alucinante *overdose* mostra um esforço mercadológico-midiático contraditório de repouso e estímulo para os/as turistas-consumidores/as no cumprimento de serviço de estética, gastronomia, atividade física e/ou convívio com a natureza.

Tal abundância traz a livre permanência de qualquer esfera, em um misto da comodidade que engloba o conjunto de equipamentos e a referida estância artificial turística. A imagem desenhada retrata uma imersão ao império do consumo (Yúdice, 2016). Como espaço de agenciamento/negociação, a dinâmica subjetiva revitaliza o protagonismo cultural e midiático (Oliveira, 2016) do sujeito contemporâneo em busca de uma abertura fundamental ao viver — pautado pelo consumo, pela ostentação e, ao mesmo tempo, pela fragilidade sensível de Ser/Estar. Indubitavelmente, o sistema de marcas culturais contribui na permanência de um *status quo*, pois isso fortalece os traços mais relevantes.

Portanto, a subjetividade só resgata o inscrito na experiência singular. Cada vez mais parece haver um descomprometimento das pessoas com a vida, embora paradoxalmente seja apenas momentâneo esse posicionamento (Gumbrecht, 2015). O sentir, talvez, ajude a constatar a noção de realidade, existência e/ou verdade, além dos elementos desprendidos da forma material, capital, os quais determinam percepção, cognição, memória e imaginação etc.

Discussões finais

A emergência da diversidade, como pano de fundo desta pesquisa, aponta para as dificuldades contemporâneas a serem enfrentadas na América Latina e no mundo. Nessa explanação de intermitências, surge um incômodo para relaxar em um local especial – como em Cartagena das Índias, na Colômbia – ao verificar o quanto parece sacrificante as operações da classe trabalhadora no atendimento aos/as turistas-consumidores/as com comportamento, às vezes, frenético, abusivo e/ou desproporcional.

Sem exaurir o debate crítico-reflexivo, trazer à tona essa cena/situação turística pela América Latina seria vasculhar em uma região de conflitos e interesses, como a fragilidade do sujeito. Talvez, também ressalte aos olhos de qualquer turista-consumidor/a e cause perplexidade. De modo geral, o/a atendente parece evitar situações de embates que gerem, de algum modo, contrariedade ao cliente (turista-consumidor/a). O que se solicita da subjetividade – dependendo do envolvimento do sujeito com o/a outro/a – provoca menor ou maior esforço de cada um.

Não se trata somente de conservar ou preservar o passado colonial, com marcas profundas que frisam o espírito de uma época, muito menos celebrar a servidão e/ou a vitimização de uma atitude servil de bajulação. Mas, propiciar uma reflexão a mostrar uma perspectiva mais atual, portanto, globalizante. As predicções da condição humana necessitam de atualização. Infelizmente, boa parte da sociedade ainda trata assim os subalternos.

De acordo com Hall (2016, p. 99)

Esse sujeito, produto do discurso, não pode estar fora dele, porque ele deve estar sujeito. Deve se submeter às suas regras e convenções, às suas disposições de poder/conhecimento. O sujeito pode se tornar portador do tipo de conhecimento que o discurso produz, pode se tornar o objeto pelo qual o poder é exercido, mas não pode permanecer fora do poder/conhecimento como sua fonte e autor.

Ao subjugar e se sujeitar, cada sujeito torna-se responsável por si, pois deve estar ciente de sua responsabilidade social. Uma formação discursiva revela uma episteme da formação do sujeito como o pensamento foucaultiano em que o sujeito, deliberadamente, é produzido no discurso. Por isso, repito: entre sujeito, ação e qualificação, efetiva-se a dignidade humana im-

bricada na própria palavra serviço. E, dessa forma, a percepção deve ser questionada e, ao mesmo tempo, ampliada na expectativa de confrontar o posicionamento de qualquer sujeito no mundo quando pronuncia: *¡A la ordem!*

Nesse percurso, o tecer de ideias demonstra uma situação particular de ajustes enunciativos desta leitura crítico-reflexiva, na qual compreende o objeto/contexto específico, em uma perspectiva plausível à atualização via contemporaneidade, acerca dos fatos ocorridos em Cartagena das Índias. Sem dúvida, a lógica correta seria valorizar esse sujeito (trabalhador/a), além de realizar um exercício de reflexão e escrita sobre o povo afrodescendente. E, conseqüentemente, pensar sobre a nossa realidade brasileira e suas nuances.

Tal desafio teórico-político comporta ações coerentes sobre as relações humano, ao incluir o debate acerca da diversidade. No movimento de inclusão/exclusão, vale correlacionar a experiência vivida e a novidade da subjetividade exposta, cujo percurso conduz elementos às vezes gritantes, incongruentes e/ou incompatíveis com realidade, existência e/ou verdade.

O fluxo da informação permeia, cada vez mais, as possibilidades de produção do conhecimento mediante ao enlace de experiência e subjetividade na atualidade com as tecnologias emergentes. Ou seja, a teoria (*saber*) e sua aplicação (*fazer*) são instâncias circunstanciais que solicitam investigações criteriosas e remetem a uma síntese flexível de leitura em uma base de combinações teóricas, mas também políticas. Todavia, vale o pensar à luz dos *estudos contemporâneos*.

Logo, produção de informação no campo contemporâneo da comunicação e da cultura gera experiência e subjetividade. Nesse caso, a produção de experiência do sujeito contemporâneo viabiliza a produção de subjetividade, perante a cada iniciativa – mais ou menos proativa. Tais produções acendem o viver cotidiano, ao abranger territorialidades dinâmicas para o pensamento e a ação.

Em síntese, as resultantes desta escrita ensaística mostram uma subalternidade descabível nas relações humanas, ao problematizar a discussão transversal sobre consumo e desigualdade econômica e social, em especial no campo contemporâneo da comunicação e da cultura, que deve (re)dimensionar a troca de informação. O que solicita alerta teórica e política.

De pronto, a cordialidade do povo colombiano em Cartagena das Índias parece ser cedida de maneira comum, co-

tidiana. *Mutatis mutandis*, a mesma crítica à manifestação subserviente cabe, também, ao Brasil, bem como à América Latina. Na verdade, esta leitura posiciona-se com reação de espanto inadmissível a respeito da permissão disposta pela expressão – *¡A la ordem!*

Referências

AGRA, L.; PRECIOSA, R. (2007). Corpos expandidos em viagem. In: GARCIA, Wilton (Org.). *Corpo & subjetividade: estudos contemporâneos*. São Paulo: Factash.

BAITELLO JR., N. (2012). O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens. Porto Alegre: Editora Unisinos.

BAUMAN, Z. (2013). Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global. Rio de Janeiro: Zahar.

BENEDETTI, M. (s/d). Canto do exílio. s/d. Disponível em: <http://www.logospoetry.org/document.php>. Acessado em: 28 jan 2018.

BURGOS, R. (2014). Da urbis inteligente ao direito à cidade. *Revista Triade – Comunicação, Cultura e Mídia (PPGCC-Uniso)*, v. 2, n. 3, pp. 116-126, jun. Disponível em: <http://goo.gl/6xKjF3>. Acessado em: 14 jan 2018.

BURNS, P. M. (2002). Turismo e antropologia: uma introdução. São Paulo: Chronos.

CANCLIN, N. G. (2016). O mundo inteiro como lugar estranho. São Paulo: EdUSP.

EAGLETON, T. (2016). A morte de Deus na cultura. Rio de Janeiro: Record.

GUMBRECHT, H. U. (2015). Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea. São Paulo: Unesp editora.

HALL, S. (2016). Cultura e representação. Rio de Janeiro: PUC-Rio : Apicuri.

LAZZARATO, M. (2014). *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: SESCSP/n-1 edições.

MATURANA, H. (1997). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: EdUFMG.

MOREIRAS, A. (2001). *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. Belo Horizonte: EdUFMG.

OLIVEIRA, D. (2016). Novos protagonismos midiáticos-culturais: a resistência a opressão da sociedade da informação. *REGIT – Revista de Estudos de Gestão, Informação e Tecnologia. Fatec Itaquaquetuba/SP*. v. 6, n. 2, pp. 17-37, jul/dez. Disponível em: <http://goo.gl/xL8Zmf>. Acessado em: 7 jan. 2018.

PELBART, P. P. (2013). *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 edições.

SODRÉ, M. (2014). *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. São Paulo: Martins Fontes.

SPIVAK, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: EdUFMG.

VARGAS-LLOSA, M. (2012). *La civilización del espectáculo*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Afaguara.

YÚDICE, G. (2017). Os desafios do novo cenário midiático para as políticas públicas. *Observatório, São Paulo, Itaú Cultural*, 20, pp. 87-113, jan/jun, 2016. Disponível em: <http://goo.gl/dSnNym>. Acessado em: 21 nov.

Cinco Publicações do Autor

GARCIA, W. ; SILVA, P. C. da (2017). Paisagem contemporânea da cidade opaca. *Comunicação & Sociedade*, v. 39, pp. 237-257.

_____. ; MESTRE, D.; PARRA, P. (2017). Por uma política da diversidade no campo contemporâneo da comunicação

e da cultura. REU – Revista de Estudos Universitárias, v. 43, pp. 55-70.

_____. (2017). A diversidade no ensino de cinema e audiovisual no Brasil: estudos contemporâneos. Cadernos Forcine, v. 3, pp. 40-45.

_____. (2016) Olhe pra mim de novo: um road movie documental sobre diversidade cultural/sexual. Doc On-Line: revista digital de cinema documentário, v. 19, pp. 187-200.

_____. ; LARUCCIA, M. M. (2016). O comportamento do consumidor pós-compra: análise de conteúdo nas redes sociais. IJBMkt International Journal of Business Marketing, v. 2, pp. 68-77.